

ANILHO DE LAKA



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES

NÚMERO 13

BOLETIM INFORMATIVO

JANEIRO 1992

1.º ANIVERSÁRIO



E eis-nos chegados ao número 13.

Que não é de azar, mas de satisfação pela passagem do nosso 1.º ANIVERSÁRIO.

Surgimos para informar os nossos leitores sobre tudo o que se prende com a actividade de "OS MONTANHEIROS". E temo-lo feito com rigor e transparência, mensalmente, apesar das condicionantes de ordem humana e material.

Continuamos abertos a toda a colaboração de alguma forma ligada com a actividade para que a Sociedade está vocacionada.

Procuraremos prosseguir a nossa missão, na medida das nossas disponibilidades, desejando que 1992 seja um ano pleno de realizações.

SAUDAÇÕES ESPELEOLÓGICAS

★ PASSEIOS

◎ RONDA "OS MONTANHEIROS"

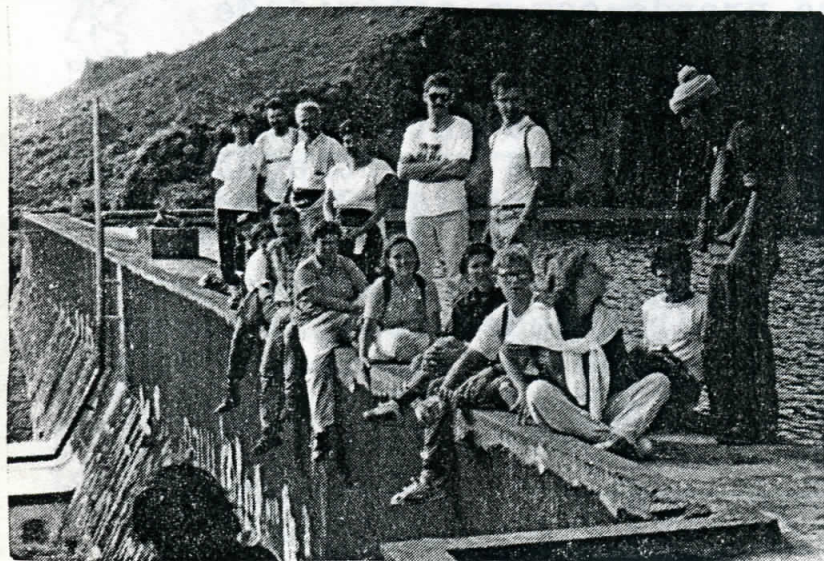
Um Todo-o-Terreno que teve lugar nos dias 23 e 24 de Março, contando com a participação de 17 jeeps e 9 motos.

Durante dois dias, percorreram-se os caminhos e canadas do interior da Ilha Terceira, com o objectivo primordial da prática do "desporto pelo desporto", neste caso o motorizado, ao qual se aliou o gosto pela Natureza e por uma sã convivência em seu seio.

◎ O OLHO DO MILHAFRE.

Programa que integrou 11 caminhadas na Ilha Terceira, efectivadas entre os dias 24 de Março e 5 de Outubro.

Desde a "Viagem à Criptoméria" à "Volta ao Monte Brasil", os participantes tiveram ensejo de percorrer os mais belos e aliantes, aprazíveis e selvagens recantos desta Ilha; quer no seu interior (Caldeira de Santa Bárbara, Pico Agudo, Caldeira de Guilherme Moniz, Pico Alto, entre outros), quer no litoral (Alagoa e baías da costa Norte).



Deste programa de caminhadas foi feita uma compilação polí-copiada, onde se encontram discriminadas as peripécias de cada Passeio, ilustradas com algumas fotos e com literatura alusiva a cada uma das áreas percorridas (e que aliás se acha publicada em números anteriores de "PINGO DE LAVA").

A guisa de resumo, pode referir-se que o programa teve um total de 429 presenças, representativas de 219 participantes, entre os quais se incluíram alguns de outras nacionalidades (holandeses, dinamarqueses, etc).

Estiveram representadas as mais variadas profissões, predominando os estudantes (liceais e universitários) e os funcionários públicos.

No que concerne aos escalões etários dos participantes em "O OLHO DO MILHAFRE", o mais novo contava 7 anos de idade, e o mais velho tinha 53, predominando, obviamente, os escalões etários dos 11 aos 30 anos. Quanto aos sexos, 108 do feminino e 111 do masculino.

© NA SENDA DOS VULCÕES

Passeio realizado no dia 28 de Outubro e integrado na EURO-PÁLIA-91.

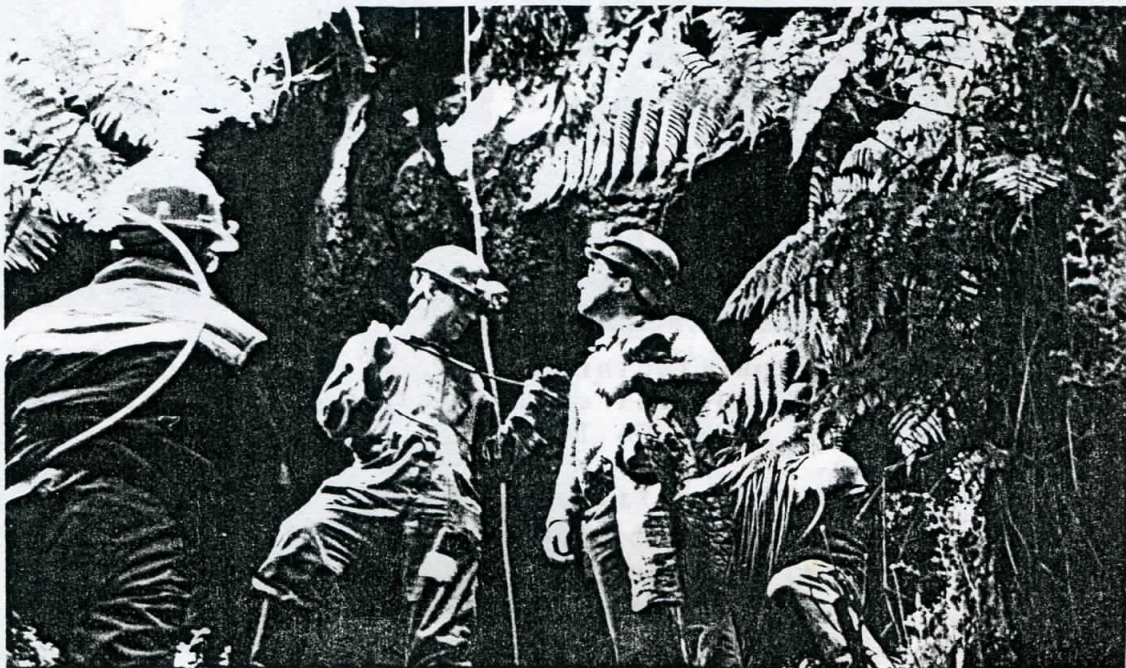
Foi concebido e organizado por OS MONTANHEIROS, a solicitação de alunos da Escola Secundária de Angra.

Em número sensivelmente igual, participaram estudantes belgas e açoreanos e respectivos professores que percorreram a pé uma significativa parcela do interior da Ilha Terceira, localizada no maciço vulcânico do Pico Alto.

* ESPELEOLOGIA

© MISSÃO TORRES

Teve lugar de 28 de Março a 3 de Abril, na Ilha do Pico, e o principal objectivo foi a GRUTA DAS TORRES, situada na Creação Velha, um dos maiores tubos vulcânicos do Mundo, com cerca de 3.500 metros já explorados. Dela, e na medida do possível, face ao tempo disponível, foi feito levantamento espeleométrico e também recolhas geológicas e biológicas. (Na foto abaixo, Albino Garcia e Luis Vasconcelos, à boca da Gruta).

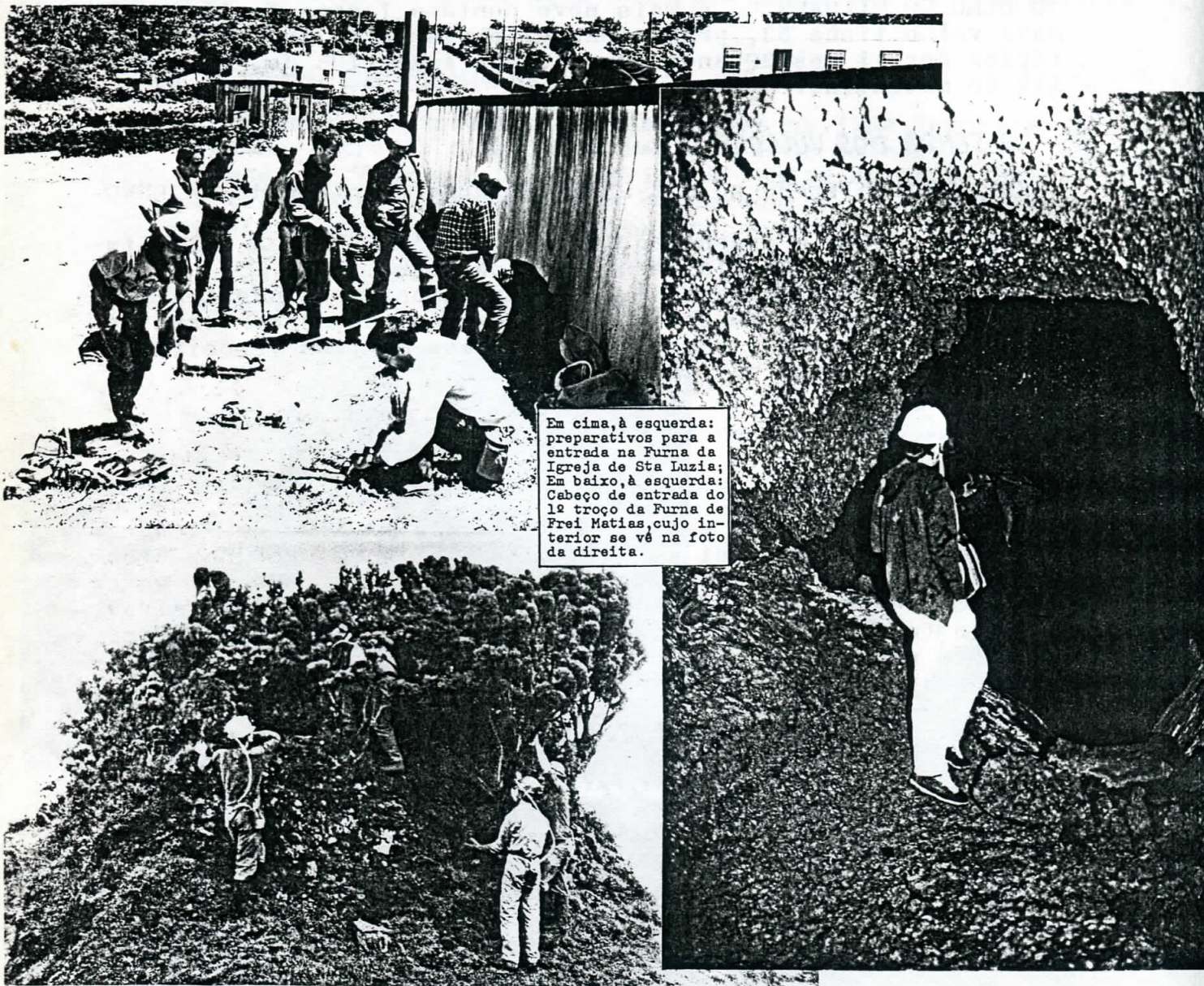


444
A Gruta das Torres foi, em parte, filmada. Também o foi a CRUTA DO MONTANHEIRO (já anteriormente explorada), descrita sumariamente neste número de "PINGO DE LAVA", na rubrica habitual GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES.

A solicitação do senhor Presidente da Câmara Municipal da Horta, os 7 elementos da missão deslocaram-se à Ilha do Faial, onde foi explorada a Gruta da Lombega, em Castelo Branco.

◎ ARCOSPEL

Missão efectivada de 6 a 11 de Junho, igualmente na Ilha do Pico, desta feita com particular incidência nas cavidades da zona das Bandeiras (Gruta dos Arcos, Algar do Tambor, Lanchão e Gruta do Tanquinho).



Em cima, à esquerda: preparativos para a entrada na Furna da Igreja de Sta Luzia; Em baixo, à esquerda: Cabeço de entrada do 12 troço da Furna de Frei Matias, cujo interior se vê na foto da direita.

Mereceu também particular atenção o ALGAR DO CABEÇO BRAVO, na Creação Velha, que foi explorado pela primeira vez pelo homem. E ainda a FURNA DA IGREJA de Santa Luzia, e a FURNA NOVA, ao Farrobo.

Procedeu-se também à filmagem de dois troços da FURNA FREI MATIAS, já anteriormente descritos em "PINGO DE LAVA".

Ainda no decurso desta expedição ARCOSPEL-91, o grupo deslocou-se à zona do Mistério da Silveira, onde se procedeu às filmagens de parte da GRUTA DO SOLDÃO.



◎ ALVO MORENO

Como o nome indica, o alvo foi a FURNA DE JOÃO MORENO, na Ilha Graciosa, referida pelos historiadores antigos.

Na 2ª quinzena de Julho, quatro operacionais Montanheiros "bateram" toda a área apontada nos Livros, julgando-se terem sido localizadas as bocas dessa cavidade; tanto pavor terão originado nos habitantes da área, que os mesmos resolveram entulhá-las em tempos idos, e de tal modo o fizeram que tornaram inviável, por escassez de meios humanos e materiais que a Missão fosse bem sucedida.

Ficaram, no entanto, lançadas as bases para que a próxima deslocação à Ilha Graciosa obtenha resultados práticos e a célebre Furna seja explorada.

Ainda no decurso desta expedição ALVO MORENO-91, foram vistoriados alguns "buracos", entre os quais um situado num serrado do senhor Domingos Cachimbo, à Terra do Conde (foto à esquerda)

Na freguesia da Luz, procedeu-se a medições das Galerias do Forninho e de algumas grutas da Canada das Furnas, tais como a Furna de Lavar e a Furna de Beber.



246
A expedição ALVO MORENO-91 não terminou sem que se efectuasse a descida espectacular à Caldeirinha de Pero Botelho, na Serra Branca, tendo sido feitas as respectivas medições (Ver "PINGO DE LAVA", nº 8)

✱ TRABALHOS DE CAMPO

Realizaram-se, naturalmente, na Ilha Terceira, durante a maioria dos fins-de-semana dos primeiros e últimos meses do ano, designadamente; e objectivaram:

- JANEIRO - Algar do Negro, Algar do Mistério, Algar do Pico do Gaspar; Gruta do Chocolate, Gruta da Achada, Gruta do Coelho; Algar do João "Caldo Quente" e Algar do Felisberto Joaquim;
- FEVEREIRO - Gruta de Santo António; Cafua Velha; e Morro Assombrado;
- MARÇO - Gruta das Agulhas; Algar do Pico das Dez; Gruta do Coelho; e Morro Assombrado;
- ABRIL - hipotético Algar de Fouqué (buscas);
- MAIO - continuação das buscas do mês anterior; e Baía das Pombas: grutas das Pombas, da Nascente e dos Ninhos;
- SETEMBRO - Acampamento de três dias para buscas (infrutíferas) do Algar de Fouqué;
- OUTUBRO - Trabalhos de manutenção e beneficiação das estruturas de apoio ao Algar do Carvão;
- NOVEMBRO - Continuação dos trabalhos do mês anterior; e Lagoa do Cerro, Salto do Pereira e Lagoa do Pico do Areeiro; filmagem da Gruta de Santo António;
- DEZEMBRO - Gruta dos Balcões; e trabalhos na Gruta do Natal, preparatórios para a missa e presépio vivo, a terem lugar no dia 25 de Dezembro (Ver página seguinte).

✱ OUTRAS

© MISSAO S.O.S.

Participação nas buscas e tentativa de salvamento do cidadão inglês Hugh Wood, dado como desaparecido na Montanha da Ilha do Pico. (24 a 28 de Junho).

© 6º CONGRESSO DE VULCANOESPELEOLOGIA

Realizado de 2 a 10 de Agosto no Arquipélago do Hawaii. Delegação de três elementos.

© EXPOSIÇÕES

- 27 de Janeiro - na Sede de OS MONTANHEIROS, aquando do II Encontro Nacional de Ambiente, Turismo e Cultura;

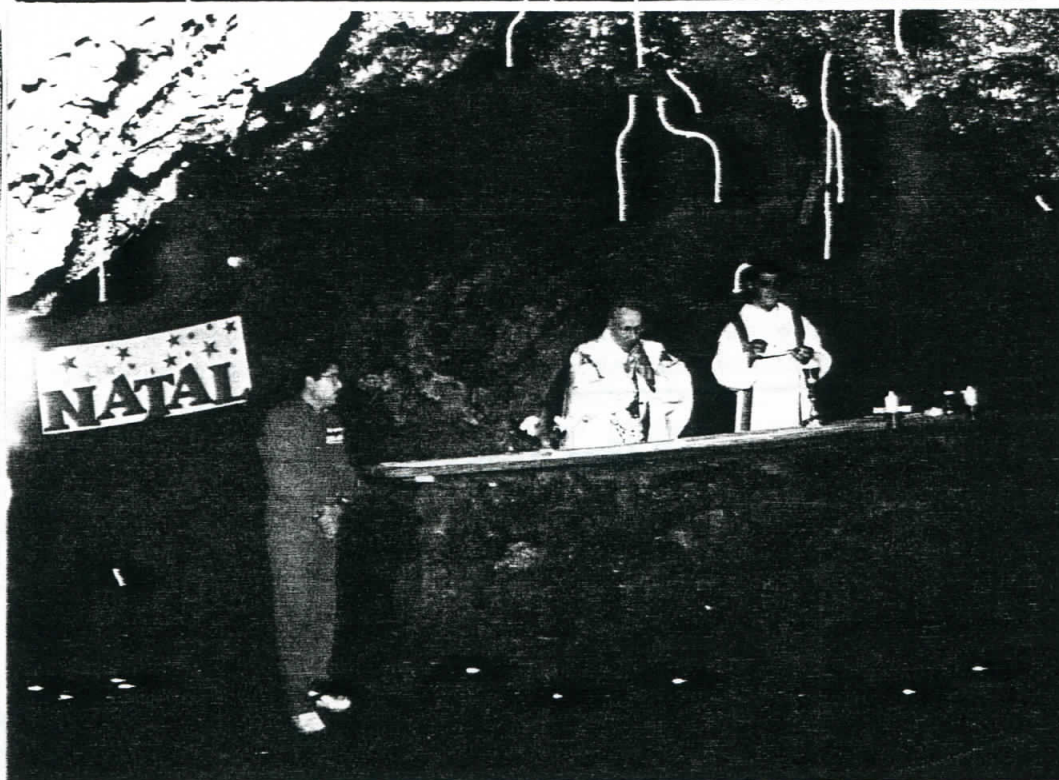
- 24 de Outubro - na Escola Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, aquando da Europália-91.

© ELEIÇÕES

Realizaram-se no dia 6 de Março e elegeram os Corpos Gerentes de OS MONTANHEIROS para o biénio 91/92.

© ALGAR DO CARVÃO

Esteve aberto ao Turismo, todos os dias das 14 às 16h, entre o dia 1 de Maio e o dia 30 de Setembro. Registou a presença de alguns milhares de visitantes, na sua maioria provenientes do Continente português.



Missa

GRUTA DO NATAL

DIA 25 DE DEZEMBRO DE 1991

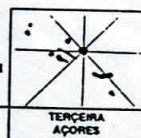
Presépio Vivo



Terça-feira
24 de Dezembro
1991
Ano XLVAP 12.000
Jornal Diário
Preço: 40000

DIÁRIO INSULAR

Fundado em 1946
Director: José Lourenço



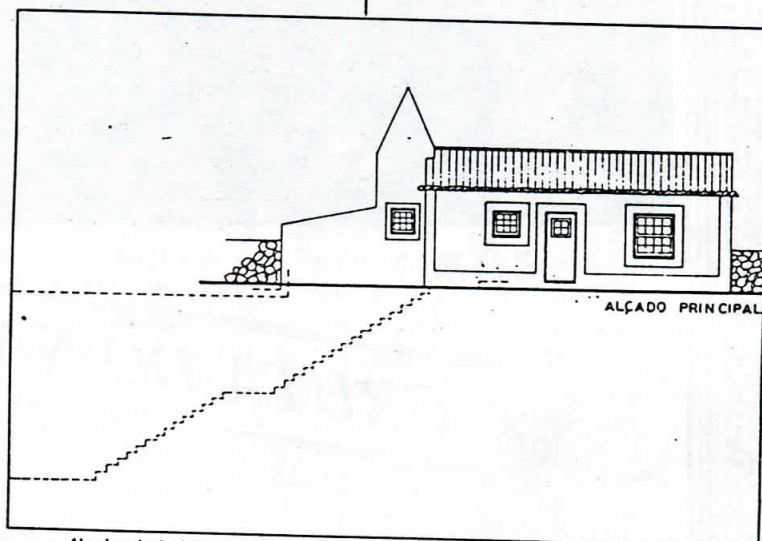
Orçado em 7 mil contos

"Os Montanheiros" têm projecto para aproveitamento da gruta do Natal

A tradicional Missa de Natal será celebrada às 12h00 do dia 25 pelo Bispo de Angra, D. Aurélio Granada, na gruta do Natal, junto à Lagoa do Negro, onde terá lugar, também, um presépio vivo. Esta manifestação religiosa foi criada pela sociedade "Os Montanheiros", em 1970, que agora espera ver aprovado o projecto para aproveitamento científico e turístico da gruta, orçado em quase sete mil contos.

A proposta dos Montanheiros, que foi entregue este mês na Secretaria Regional do Turismo e Ambiente, prevê a construção, sobre a entrada da gruta, de uma casa regional terceirense - com os típicos forno e chaminé de mãos postas -, onde vão funcionar um museu, uma loja de "souvenirs" e um pequeno bar. No museu, os visitantes terão patentes uma amostra de estalactites, estalagmites e lavas da gruta do Natal.

Os Montanheiros apresentaram a ideia ao secretário Eugénio Leal há cerca de dois anos, mas só recentemente foi concluído o projecto, assinado pelo desenhista Paulo Mendonça e pelo engenheiro Hermano Mendonça Fernandes. Segundo o presidente da sociedade Os Montanheiros, Manuel Aguiar Silva, naquela altura o secretário mostrou



Alçado principal do que poderá vir a ser o edifício a construir sobre a entrada da gruta

interesse e prometeu dar cobertura financeira. Aguiar lembra que o orçamento está adequado à época actual e que, portanto, os custos da obra certamente ultrapassarão os sete mil contos quando o projecto começar a ser executado, se for aprovado, é claro.

Livre da sujeira e das invasões

A casa que vai ser uma réplica da primitiva habitação rural terceirense servirá essencialmente de apoio à gruta e de recepção e abrigo dos visitantes, com condições de segurança que atendam à sismicidade. Será constituída de um só piso, com sala de entrada, sanitário, escadaria de acesso à

gruta e outras duas salas destinadas à venda de lembranças e ao museu.

Estão previstos pilares ou montantes de betão armado e lages do mesmo material a cobrir a escadaria, além de cintas anti-sísmicas e uma porta de aço com ferragens para evitar a invasão da casa e, portanto, actos de vandalismo no interior da gruta, como os que se verificaram no Algar do Carvão, com destruição de algumas estalactites e outras formações ali existentes. Com este projecto, a gruta do Natal também vai ficar livre de garrafas, papéis e todo o tipo de detritos jogados pelos visitantes pouco civilizados.

1. INTRODUÇÃO

Desde sempre o Homem tentou e tenta descobrir as lendas, mistérios ou segredos, sejam eles na Terra, no mar ou no ar. Assim, se descobriram e desbravaram novas terras, se navegou e mergulhou por mares e oceanos e, mais recentemente, se tem viajado pelo Espaço, explorando-o nos seus mais vastos recônditos, indo aos poucos e poucos cada vez mais longe.

Nos Açores, nove ilhas dispersas em pleno Atlântico também ocultam as suas belezas e encantos e, sendo elas de origem vulcânica e mais ou menos recentes, possuem no subsolo vestígios das correntes de lava, as Grutas, algumas bastante extensas, como a Gruta das Torres, na Ilha do Pico (com mais de 4 Km de comprimento), outras com formações bastante curiosas, como é o caso da Gruta das Anelares, na Ilha do Faial; nalgumas chaminés de antigos vulcões, surgem Algarres, bastante profundos (Algar do Montoso, Ilha de S. Jorge) ou de rara beleza (Algar do Carvão, Ilha Terceira).

Na História Açoreana, são descritas algumas dessas Grutas e Algarres mas, por falta de meios adequados a aventuras nas entranhas da Terra, alguns desses "buracos" estarão, possivelmente, fantasiados ou mal descritos, pois eram poucos os que se aventuravam em viagens ao centro da Terra,

Entre estes, surgiu-nos John White Webster ("Description of the Island of St. Michael", 1821) fazendo-nos a seguinte descrição de uma gruta: "O precipício não tinha provavelmente d'altura menos de trinta pés; e como os archotes, com que nos tinham provido, apenas iluminassem fracamente a caverna, mandamos acender uma fogueira ao nosso guia. Pelo som das nossas vozes pareceu-nos que este lugar devia ser d'uma grande extensão, não nos sendo possível ver o texto mesmo com o auxílio da luz a mais forte que podemos obter".

Na "Carta de Fouqué a Ch. Sainte Claire-Deville, datada em Angra de 20 de Outubro de 1867, faz-se a descrição de uma cratera no lugar da Serreta (Ilha Terceira), de onde saía ácido carbónico, e que estava aberta ao nível do chão com a forma de um poço de 10 metros de abertura e 5 ou 6 de altura, diminuindo com a profundidade de largura, sendo aquela de 300 metros. Este Algar, até hoje, não foi ainda localizado.

Em 1888, o Príncipe Alberto I do Mónaco, na última campanha oceanográfica do "Hirondelle" nos Açores, e na escala pela Ilha Graciosa, fez uma descida à Furna do Enxofre, na Caldeira que deu origem àquela ilha, descrevendo o interior daquela Gruta, que considerou uma das Maravilhas do Mundo, no género.

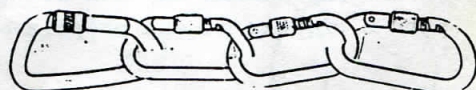
Em 1963, surgem nos Açores "OS MONTANHEIROS" - Organização de Campismo Terceirense que, além de promover passeios ao interior da Ilha Terceira, dedicou-se também à exploração dos seus subterrâneos e, mais tarde, já Sociedade de Exploração Espeleológica, alargando o seu âmbito a todas as ilhas do Arquipélago, mostrando maravilhosas grutas, hoje conhecidas nos 4 cantos do Mundo.

Mais recentemente, o grupo ecológico "AMIGOS DOS AÇORES", explora as grutas e algarres da Ilha de S. Miguel, onde estão sediados.

Mas, para que a exploração desses "buracos sem fundo" fosse possível, o Homem foi obrigado a improvisar meios para a respectiva penetração. São esses meios, ou seja, os equipamentos utilizados desde a antiguidade até aos nossos dias, que nesta rubrica procuraremos descrever, sempre que possível com imagens figurativas dos aparelhos que nos Açores se utilizaram e utilizam.

(CONTINUA)

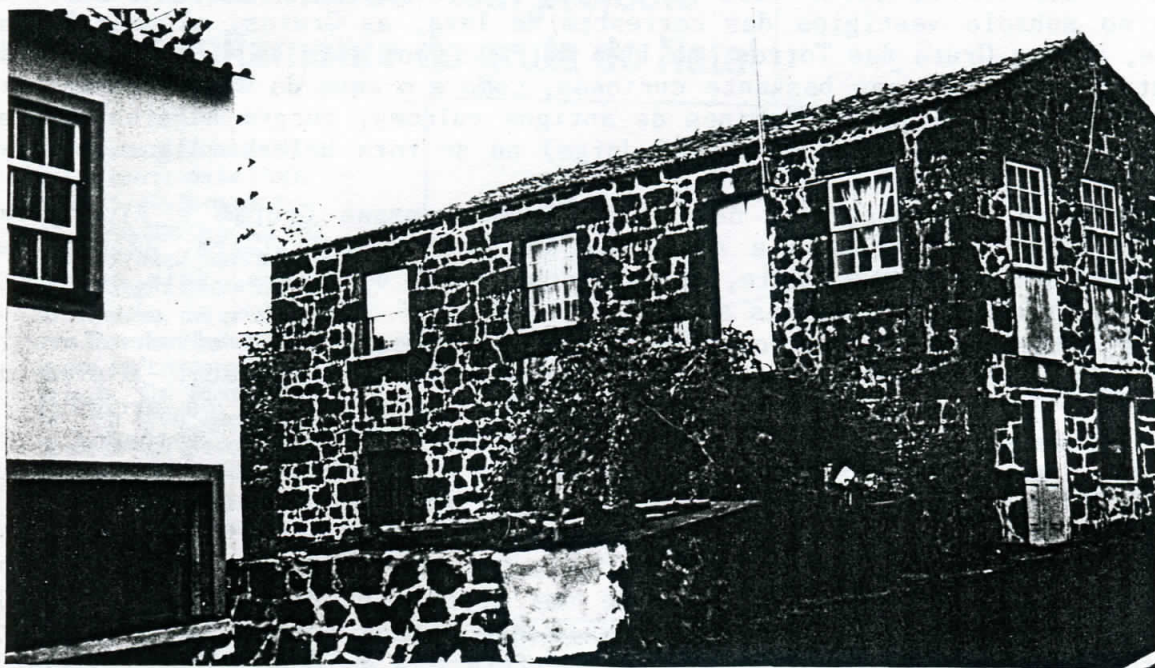
Prof. PARDAL



ARQUITECTURA É CULTURA

Todos nós admiramos as grandes obras de arquitectura, que são marcos da nossa história: a Sé de Angra, o Castelo de S. João Baptista, os Colégios dos Jesuítas, os Conventos Franciscanos. Cada qual com suas características próprias, mas todos construídos com o mesmo material de que são formadas as ilhas: LAVA VULCANICA.

Curiosamente, quase ninguém presta atenção a outras construções que, embora simples e modestas, são também património cultural: AS CASAS RURAIS.



Elas exemplificam, na sua arquitectura sóbria e elegante, o bom gosto e o bom senso do povo das nossas ilhas que, ao que parece, se encontra em vias de extinção com o avanço de ideias pseudo-progressistas que, em ritmo galopante, tudo arrasam, numa ânsia louca de modernização forçada e descabida nesta Europa que se pretende construir no respeito pelos valores culturais de cada comunidade.

Agora, com os apoios dados pelas Autarquias para recuperação de habitação degradada, assiste-se à sistemática descaracterização das casas rurais que ainda restavam nas nossas freguesias, após o período de reconstrução que se seguiu ao terramoto de 1 de Janeiro de 1980. Chega-se ao cúmulo de enviar máquinas da Câmara Municipal para demolir as antigas e belas casas de pedra que irão servir para erguer muros em Parques e Miradouros.

Para os proprietários isso é uma maravilha, já que recebem em troca os blocos de cimento prontos para erguer nova casa, que até pode ter varandas e terraços, como se vê nas revistas e na TV. E, junto com os blocos, vem também a chamada "telha regional" que não necessita de ser recolocada todos os anos, como acontecia com a telha antiga, feita de barro e com cor de chocolate, cheirando a terra molhada quando chovia.

Quem quiser ver ARQUITECTURA RURAL CARACTERÍSTICA, que vá procurar a outro lado, onde as autoridades tenham tido a audácia de utilizar os dinheiros públicos na conservação do património das comunidades que as elegeram, e na acção de sensibilização do povo para a riqueza da sua própria cultura.



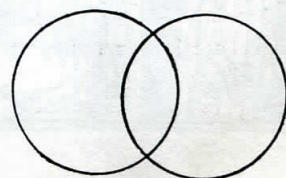
MATRIMÓNIO

Aos vinte e dois dias do mês de Dezembro de mil novecentos e noventa e um, na Igreja de São José, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, cidade de Lisboa, confirmaram o seu casamento, por palavras de presente, em face da Igreja, o dr. PAULO ALEXANDRE VIEIRA BORGES, de 26 anos de idade, Biólogo Assistente na Universidade dos Açores e Presidente do Conselho Fiscal de "OS MONTANHEIROS", natural dos Açores, filho do Professor Manuel Diamantino Ribeiro Borges e de D.Lúcia de Fátima Vieira da Purificação Borges, com a dr^a ROSALINA MARIA DE ALMEIDA GABRIEL, de 27 anos de idade, também Bióloga Assistente na Universidade dos Açores, natural de Lisboa, filha de César Almeida Gabriel e de D.Cândida Pires Almeida Gabriel.

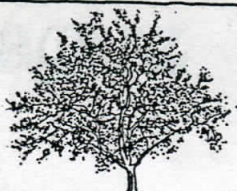
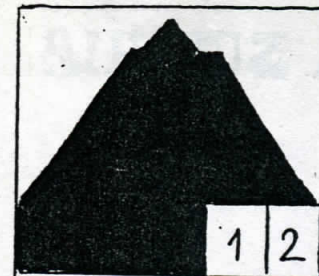
Foram padrinhos da noiva, seus irmãos Joaquim Almeida Gabriel e Guimar Maria de Almeida Gabriel; do noivo, seus tios Vitor da Conceição Rodrigues e D.Lígia Maria Vieira da Purificação Rodrigues.

Após a cerimónia religiosa, abrilhantada pelo Coro da Igreja, foi servido um almoço num dos salões da Cooperativa Militar de Lisboa.

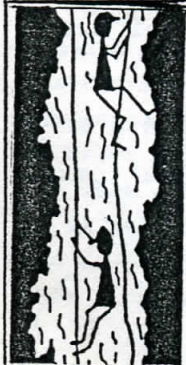
Ao novo par, que passou a Lua de Mel nas Ilhas Canárias, e fixará residência em Angra do Heroísmo, "PINGO DE LAVA" deseja uma vida em comum plena de felicidade, com novos coleópteros e briófitos!



AGENDA



	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
JANEIRO														
FEVEREIRO														
MARÇO														
ABRIL														
MAIO														
JUNHO														
JULHO														
AGOSTO														
SETEMBRO														
OUTUBRO														
NOVEMBRO														
DEZEMBRO														



RONDA OS MONTANHEIROS - ABRIL.

PASSEIOS A PÉ - ABRIL, MAIO, SETEMBRO E OUTUBRO

MISSÃO ESPELEOLÓGICA - ILHA DO PICO - JUNHO

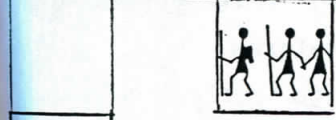
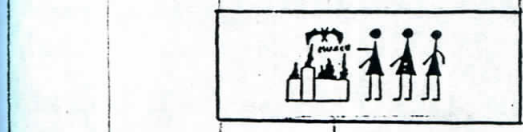
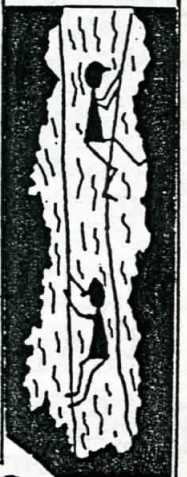
III ENCONTRO NACIONAL DE ESPELEOLOGIA
I ENCONTRO INTERNACIONAL DE VULCANISMO



1992



17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

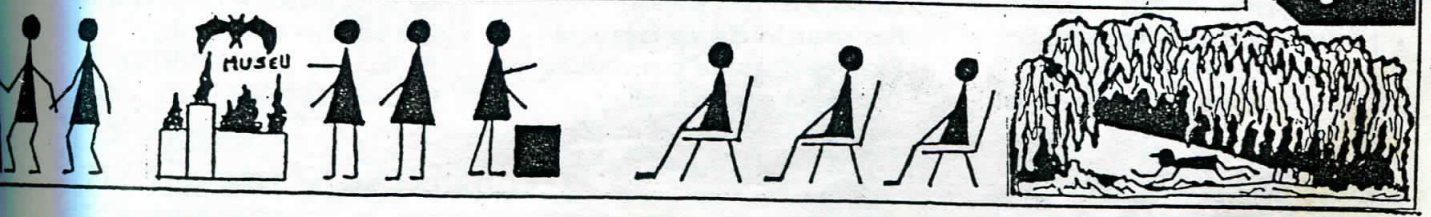


MISSÃO ESPELEOLÓGICA - ILHA GRACIOSA - AGOSTO

INAUGURAÇÃO DO MUSEU - JUNHO

SETEMBRO/OUTUBRO
ESPELEOLOGIA

FINS-DE-SEMANA DISPONÍVEIS - TRABALHOS DE CAMPO NA ILHA TERCEIRA



O ADEUS DO FISHER

"Na hora da despedida, e ao terminar o meu período de trabalho na Secretaria de OS MONTANHEIROS, deixo a minha opinião acerca do trabalho que aqui realizei.

Foi uma experiência boa e positiva. Adquiri conhecimentos relacionados com o trabalho de Secretaria e conhecimentos de Espeleologia (exploração de grutas). Trabalhei sempre com gosto, muita vontade, esforço e dedicação, até porque vim encontrar nos MONTANHEIROS pessoas muito boas, honestas e trabalhadoras, com as quais muito aprendi.

Nunca esquecerei o tempo maravilhoso que passei convosco e aqui trabalhei.

Aos MONTANHEIROS fico muito agradecido por esta oportunidade de trabalho e convívio que me proporcionaram.

A todos vós, o meu Muito Obrigado!"

JOSE GABRIEL DA ROSA FISHER

A Secretaria Regional da Juventude e Recursos Humanos, através do seu programa "Ocupação dos Trabalhadores Desempregados" (OTD/91), proporcionou às pessoas inscritas nos Centros de Emprego uma oportunidade de trabalho em organismos que previamente se candidataram.

E em boa hora o fez, pois trouxe a OS MONTANHEIROS a pessoa ideal para o fim em vista: ajudar a pôr a trabalhar, com produtividade, a máquina administrativa da Sociedade. E este rapaz de 31 anos, com a têmpera dos de S. Mateus da Calheta, empenhou-se de alma e coração no trabalho que lhe foi destinado: expediente de correspondência, operações de contabilidade, introdução de dados informáticos, etc. E revelou-se um funcionário muito competente, leal e honesto, culto, activo, extremamente educado, com zelo e dedicação exemplares.

É com evidente tristeza que, cumprido o tempo de serviço estipulado pela entidade empregadora (1 de Abril/31 de Dezembro), o vemos partir, deixando a máquina administrativa de OS MONTANHEIROS sem o melhor dos óleos.

E o Fisher, já totalmente enquadrado com a missão que desempenhava, vê-se agora novamente na situação de desempregado. Bom seria que voltasse ao nosso convívio, pois revelou excelentes aptidões de trabalho.

I

Cumpriste bem tua missão
Nós isso sabemos bem.
De graça no Algar do Carvão
Nao entrava lá ninguém!

II

E se alguém entrava à sucapa
Tu gritavas logo de seguida:
Pode continuar a sua etapa,
Porque depois...paga à saída!

III

No tempo que cá estiveste
Nao fizeste o que querias.
Fizeste sim o que pudeste,
Fazer mais, tu não podias!

IV

És pequeno no tamanho,
Mas naquilo que te competia
Fizeste-o sempre com empenho
Dedicação e simpatia!

V

A opinião cá da malta
É que cumpriste o teu dever.
E vais fazer muita falta
Com tanto que há p'ra fazer!

VI

De teus Amigos e Companheiros
Que contigo têm lidado,
Em nome de OS MONTANHEIROS
O nosso MUITO OBRIGADO!

JOSE MARIA

O FISCAL DO CARVÃO



(IN "SELECÇÕES DO READER'S DIGEST", 1950)

Uma fascinante narrativa acêrca das maravilhas do mundo subterrâneo



Por que visito as cavernas

(Condensado de «Pittsburgh Post-Gazette»)

Por Beatrice Schapper

EU E MEU MARIDO, conjuntamente com milhares de outras criaturas, vimos descobrindo diariamente novas maravilhas no mundo subterrâneo desde que nos tornamos exploradores de cavernas. Todavia, antes de nos aventurarmos em cavernas inexploradas, fomos aconselhados a começar pelas já conhecidas e melhoradas, com instalações adequadas à indústria do turismo, ostentando caminhos bem cuidados, corrimãos seguros e iluminação apropriada. Descem-se nessas cavernas por escadas de concreto ou elevadores de alta velocidade, vestindo-se antes um casaco extra ou outro agasalho, a fim de suportar o frio penetrante, característico de tôdas as cavernas desse gênero.

Ao penetrar-se em seu

interior, passa-se do mundo ordinário em que vivemos para um mundo imaginário, como num toque de mágica. É como se subitamente penetrassemos no reino da eternidade e depárassemos, estupefatos, a própria natureza na sua faina de criá-lo...

Se se toca ao acaso em uma das fascinantes singularidades que sobem a vários metros do solo, tem-se a impressão e a sensação de um bôlo recoberto de açúcarado. Vêm-nos então à mente os 60 milhões de anos que, consoante os guias, foram necessários para que essa formação se terminasse. Gôtas d'água cristalina brotam lentamente na arcada superior e, finalmente, caem sobre ela, adicionando-lhe mais uma parte infinitesimal.

Mais adiante, prova-se a frescura de puríssima

água, que resplandece numa taça de cristal, cuja formação, obedecendo ao mesmo processo das gotículas vindas de cima, consumiu mais de um milhão de anos. Apalpam-se, aqui, oólitos ou «pérolas das cavernas». Vêem-se ali, formações finas como lâminas, e tão transparentes que se pode ver através delas, as quais, quando percutidas com as unhas, emitem vibrações sonoras como as de carrilhões. Existem pavimentos polidos, marchetados de cristais cintilantes. O

«céu», lá em cima, está pontilhado de incontáveis «estrelas» e de «nuvens».

Depois de serpear-se através de um labirinto, emerge-se numa sala silenciosa, onde imensas pedras como que se inclinam para formar uma capela natural. Pedras esponjosas, brancas como mármore, em forma de tubos de órgão, se elevam em um dos lados da parede. Muitos têm sido os casais que se uniram matrimonialmente neste templo da eternidade.

Geralmente os visitantes das cavernas costumam fazer comparações entre aquilo que lhes é familiar e as estranhas coisas que vêem em seu redor. «Cortinas» e «reposteiros», de delicados matizes róseos, pendem do teto ao solo em graciosas dobras, ao longo da sólida parede rochosa. Vêem-se enormes fatias de «toucinho defumado» pendentes ao alto. Uma gigantesca «tartaruga» jaz, imóvel, no solo. É possível que, em

nossa imaginação, vejamos ainda «coelhinhos» ou «leões marinhos»; é possível também que não imaginemos coisa alguma, mas o que é certo é que tudo o que se vê é encantador.

Ao contrário do que geralmente se pensa, não existem monstros repulsivos nas cavernas, nem há nelas bafo de porão, pois que a natureza, por meio de aberturas invisíveis, desde tempos imemoriais que as vem dotando de ar condicionado.

A escuridão das cavernas não encontra paralelo. Em muitas das cavernas preparadas para o turismo, costumam os guias, depois de prévio aviso aos presentes, apagar tôdas as luzes. A escuridão torna-se tão completa e o silêncio tão profundo, que desaparece tôda a sensação de tempo e de espaço. Vêem-se apenas trevas impenetráveis e sente-se uma impressão de imensidade.

As cavernas são formadas por infiltrações subterrâneas que corroem as partes moles das rochas calcáreas. Através dos anos vão elas escavando salas de formas irregulares, longas avenidas, estreitos corredores e brechas insondáveis. Em algumas cavernas, pode-se atravessar em canoa aquilo que resta da corrente d'água que lhes deu origem.

As estranhas formações se devem ao fato de a água, ao se infiltrar no solo, levar consigo os sais minerais nêles contidos. Ao cair em gotas, vagarosamente, a água se evapora e os sais minerais se cristalizam no solo, no teto e nas paredes das cavernas.

Os aficionados mais entusiásticos fazem da exploração do subsolo um passatempo favorito. Alguns se especializam na ciência das cavernas e adquirem o título de espeleologista.

Os zoologistas descem às cavernas para estudar morcegos e peixes cegos; os hidrólogos para aumentarem seus conhecimentos a respeito da água; os entomologistas para obterem espécimes de grilos semitransparentes; os herpetologistas (e as crianças) para desenterrarem salamandras cegas. Os botânicos sentem-se fascinados com os fungos vegetais que se desenvolvem sem luz; ao passo que os mineralogistas se preocupam em catar exemplares de pedras raras.

Contudo, 90 por cento dos que vão às cavernas fazem essas explorações meramente por esporte. Tanto os amadores como os especialistas sentem especial predileção pelas grutas «selvagens» ou escavações naturais no solo, sem nenhum melho-

ramento. Essa gente conversa tanto sobre cavernas, como os viajantes sobre estradas e hotéis.

Em nosso segundo dia, juntamos a um grupo de amadores numa excursão a uma gruta «selvagem». Muitos dêles carregavam escadas flexíveis, roldanas, botes desmontáveis de borracha e telefones de campanha. Via de regra, todos são examinados para se verificar se trazem capacetes protetores e sapatos de segurança e se dispõem de, pelo menos, três tipos de iluminação. Alguns trazem novels de barbante para serem desenrolados à proporção que avançam no interior das cavernas, e enrolados quando delas saem.

Acesas as lanternas de acetileno, cada explorador se dependura na borda do profundo abismo, os pés pendentes no vazio da escuridão, enquanto a corda vai baixando, baixando, até que súbitamente o «cavernista» desaparece.

Nas cavernas «selvagens» a luz do dia ou as instalações elétricas são substituídas pelas chamas bruxoelantes de lampiões ou lanternas. O chão e o teto ficam às vezes tão próximos um do outro que mal dá passagem ao corpo. O «cavernista» tem então que se arrastar pelo solo, palmo a palmo, e, quando se pensa que não há mais possibilidade de se avançar, eis que, inesperadamente, tudo se torna amplo, espaçoso, e a gente se vê num compartimento cheio de coisas deslumbrantes. Todo o sacrifício feito é então bem recompensado.

Há dez anos, os aficionados das cavernas organizaram a Sociedade Nacional de Espeleologia, com sede em Washington. O seu quadro social, com filiados no México, França e Inglaterra, teve o seu número dobrado nos últimos dois anos e consta atualmente de 1.200 associados, 30% dos quais são mulheres. Existem 25 filiais, chamadas pitorescamente de «grutas», em todo o país.

Sabe-se da existência de cinco mil cavernas «selvagens», e os espeleólogos calculam que existam nove cavernas desconhecidas para cada uma das já descobertas.

Turistas e cientistas de todos os recantos do mundo dirigem-se aos Estados Unidos para visitar as cavernas americanas. O número de pessoas que desejavam visitar uma das mais famosas dessas cavernas (a de Carlsbad, no Estado do Novo México) tornou-se tão grande que o Serviço de Parques Nacionais dos

Estados Unidos, em 1923, resolveu tomar conta dela, tendo gasto mais de um milhão de dólares em melhoramentos—elevadores, instalação elétrica, caminhos, etc., e conduzido através dela mais de quatro milhões de visitantes. As cavernas preparadas para o turismo podem, em geral, ser percorridas em pouco mais de uma hora mas a de Carlsbad requer quatro horas.

A experiência tem demonstrado que êsse tipo de esporte não oferece perigo. Verificam-se às vezes pequenos ferimentos, mas os casos de morte são raríssimos, sendo que um desses constituiu a notícia mais sensacional da imprensa em 1925. Foi o caso do explorador Floyd Collins. Fiando-se no seu «sentido das cavernas», do qual muito se envaidecia, Collins violou dois princípios fundamentais do esporte: nunca penetrar nas cavernas sozinho e não chutar pedras. Êsse explorador foi imprensado por uma dessas pedras. O seu paradeiro foi descoberto quase que imediatamente, tendo-se metido uma longa estaca para atingi-lo. Ali permaneceu êle pelo espaço de uma semana, em comunicação com os seus amigos, recebendo alimentos e bebidas. Finalmente contraiu pneumonia e morreu, quando ainda se encontrava imprensado, pois os que o socorriam não acharam jeito de livrá-lo, nem sequer levar-lhe agasalho, tal era a natureza da brecha que servia de prisão ao malogrado explorador.

A exploração de cavernas é um passatempo barato, ainda mesmo para os que o praticam mais assiduamente. O que custa mais é o transporte e o alojamento. Muitos que têm empreendido essa aventura durante um fim de semana inteiro, jactam-se de haver gasto menos do que geralmente se gasta em um só dia de excursão no campo.

Através do esporte das cavernas qualquer um pode atingir o incognoscível, ou chegar perto disso. Uma entusiasta dêsse esporte representou bem o pensar da maioria dos aficionados da espeleologia ao exclamar, certa vez: «Eu gosto das cavernas, sejam elas de turistas ou selvagens. Elas me transportam a um mundo diferente!»

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES

— ILHA DO PICO —

GRUTA DO MONTANHEIRO

Fica situada no Curral Queimado, Brejos, Estrada Regional nº3, Km 17, a 200m da estrada do lado do mar.

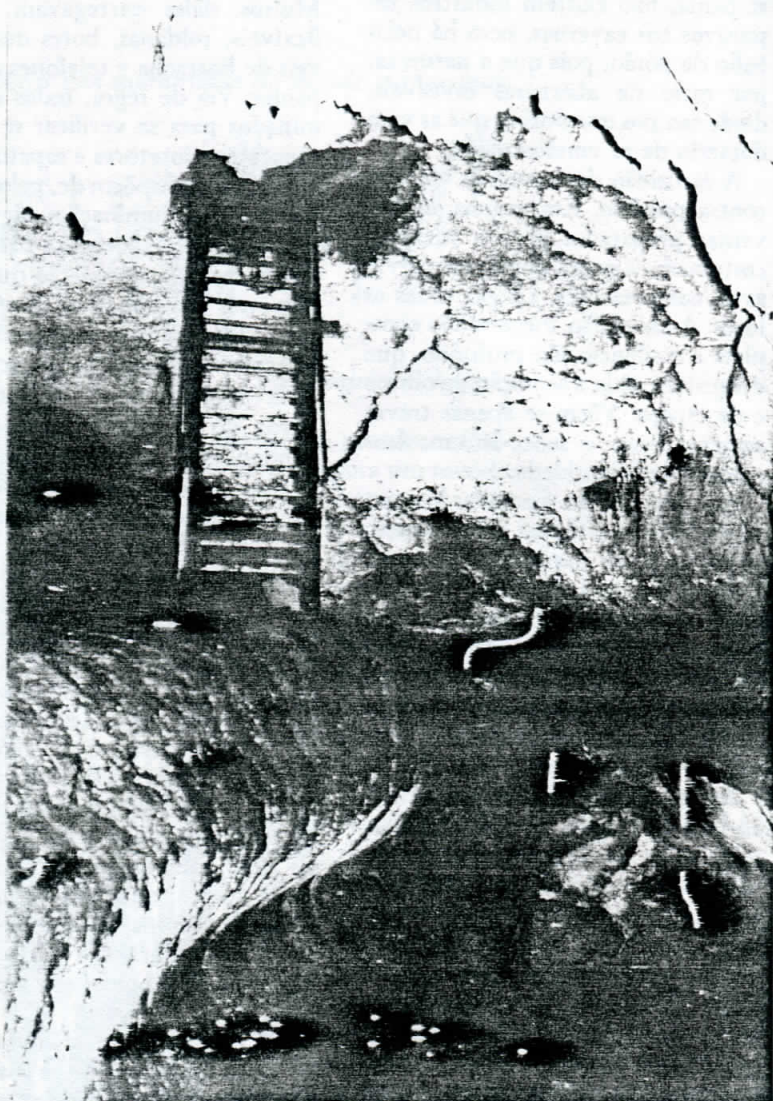
A altitude da entrada cifra-se nos 785m acima do nível do mar, e foi originada por um desabamento do tecto da gruta, onde OS MONTANHEIROS construíram uma escadaria de acesso, que nos transporta ao cimo de uma bancada de lava.

Embora de boa madeira, resistente ao clima, notam-se já algumas deficiências na escada, sobretudo devido à infiltração da água das chuvas.

Esta entrada, no exterior, encontra-se coberta pela vegetação, não deixando penetrar muita luz. Existe outra entrada de luz natural, situada para montante e cuja existência se deve ao escape de gases; a penetração de oxigénio por esta abertura oxidou parte da lava que correu no interior da gruta, apresentando esta oxidação em tom acastanhado e avermelhado.

Corrimentos em 2º nível de lava, para montante, ocorreram por cima da já existente, infiltrando-se nas fissuras desta, formando, em alguns casos, bolhas que rebentaram e que constituem um dos aspectos mais interessantes desta Gruta.

Com o avanço das lavas no chão da gruta, algumas placas apresentam-se quebradas



pois elas foram comprimidas pela lava, depois de solidificada.

Em determinada altura, para montante, a progressão na gruta faz-se através de um bem formado túnel, com tecto baixo, e onde se pode observar, no chão, o avanço da lava em forma de "moreia". É um exemplo quase perfeito, em miniatura, da formação de um tubo lávico.

Um corredor de lava alaranjada leva-nos à grande Sala do Hipopótamo, onde existem importantes bancadas de lava. A gruta, para montante (cerca de 300m), termina numa pequena sala onde a lava se torna mais compacta e dura, obstruindo completamente a respectiva emissão para o túnel.

Para jusante da escadaria de acesso (cerca de 600m), a gruta apresenta grandes quantidades de lava muito fluida que arrastou ao longo da gruta blocos de rocha já solidificada.

Na parte final, a gruta é formada por uma sala, depois de um declive de derrocadas : toda esta sala é formada por pingos escorridos do tecto e paredes que se solidificaram, obstruindo assim a continuação da gruta.



Formações de grandes pingos de basalto, numa zona
sujeita a altas temperaturas





Cimo de uma bancada de lava no túnel para montante: a lava arrancou blocos já solidificados e cobriu-os com uma fina película que sujeita a temperaturas elevadas escorreu ao longo desses blocos, solidificando-os. Nalguns pontos, assemelha-se a papel amarrotado

Principais características desta Gruta : grandes "cornijas" em toda a extensão e "bancadas de lava"; túneis sobrepostos; grandes pingos de basalto nos tectos e também estafilitos e estalagmites; pavimento apresentando em alguns troços lava escoriácea do tipo "AA" ou lisa do tipo "Pahoe", e, nalguns pontos, lava do tipo "papel amarrotado".

Em 1989, durante expedição, "Os Montanheiros" encontraram o esqueleto de uma doninha (em cima de bancada de lava), já em decomposição, justificando a existência de microorganismos e de fauna cavernícola.

Em 1990, durante a "MISSÃO MONTANHA" foram capturados em armadilhas "Trechus picoensis" e "Trechus montanheiroi", ácaros e um "cixidae". Capturas do género, foram também efectuadas em 1991, durante a "MISSÃO TORRES".

Atendendo à existência de fauna cavernícola endémica, é aconselhável proteger a gruta de pessoas não motivadas para este tipo de actividade de carácter científico.



RECORTES DO ALBUM

DIÁRIO
INSULAR,
7
JUNHO
1967

TRÊS DIAS E TRÊS NOITES NA GALERIA DOS BALCÕES

"OS MONTANHEIROS" PROCURAM DESVENDAR OUTROS SEGREDOS DO SUB-SOLO TERCEIRENSE

Entre os dias 9 e 12, «Os Montanheiros» vão meter-se em nova aventura, por outras palavras montar um acampamento no interior da fabulosa gruta «dos Balcões».

A galeria dos Balcões — em pleno Pau Velho — é o mais extenso canal lávico até hoje conhecido nos Açores porém ainda por explorar totalmente. Não se sabe se para

além dos quase quatro quilómetros já percorridos nesta galeria haverá muito mais para descobrir. Só quanto a «salas» foram até agora «arroladas» meia centena, sendo algumas delas tão grandes como os maiores salões (40x20 metros mede uma delas e quanto a «pé direito» há-as de cinco, seis e sete metros).

Exploração sistemática

Duas entradas vão ser praticadas. Distanciam-se 750 metros uma da outra. Enquanto um grupo de seis espeleólogos penetrará no «mistério» para lá permanecer três dias e três noites sem voltar à luz do sol, outros grupos de apoio e vigilância estabelecerão «quartel» cá fora.

A Rádio será, desta vez — possivelmente — um instrumento de importância capital. Hora a hora, o grupo do interior deverá corresponder às chamadas do exterior.

Os perigos principais que os exploradores correrão serão (não falando, já se vê, em desmoronamentos, o da falta do oxigénio e o aparecimento de qualquer gás deletério). Outra dificuldade a vencer é a da sinalização, pois há salas com quatro e cinco «portas» pelo que tudo terá de receber setas brancas.

Nenhum aquecimento

Os que forem destacados para o acampamento e para a exploração no interior da gruta têm missões diversas a cumprir.

A recolha de vários elementos tornará possível o levantamento topográfico da gruta, o conhecimento de temperatura e humidade, etc.

Uma das particularidades da «expedição» é a de que a alimentação não poderá ser aquecida dentro das galerias, tão pouco se utilizará comestíveis ou bebidas quentes. Apenas haverá para uma possível «reanimação» a aguardente a servir a espaços previamente marcados e apenas aos que desta bebida necessitarem.

O grupo que explorará desta vez as grutas será, provavelmente, constituído por: Américo Silveira Luís, Eovaldo Moniz, José Manuel, Manuel Aguiar da Silveira e Jorge Gonçalves.

"DIÁRIO INSULAR"
9 JUNHO 1967

Os Montanheiros e as suas explorações

Como é já do conhecimento geral, vão «Os Montanheiros» emprender mais uma arriscada expedição no sub-solo terceirense no firme propósito de trazerem para a superfície elementos que certamente serão muito valiosos sob o ponto de vista geológico e poderão determinar até que ponto é possível aproveitar, com vista ao desenvolvimento turístico, as belezas naturais encerradas no interior da Ilha.

Desta vez é a Galeria dos Balcões, no Pau Velho, que vai ser objecto de uma investigação mais profunda com vista a poder-se lançar no papel a sua forma de extensão e recolher dados sobre a constituição do interior das mesmas, como sejam a recolha de fragmentos que serão devidamente analisados em laboratórios da especialização, medição de temperaturas, etc., elementos estes que não serão desprezados pelos geólogos.

Cerca de três dias e três noites — de hoje a segunda-feira — permanecerá no interior daquelas galerias uma brigada de valentes e destemidos entusiastas da espeleologia sem que os atemorize

a humidade, o desconforto, o perigo de possíveis desmoronamentos, a provável existência de gases deletérios e, enfim, outros perigos imprevisíveis, enquanto de uma brigada de socorros permanecerá no exterior em constante contacto com a primeira. A máquina está montada e tudo foi minuciosamente estudado e previsto.

Coragem e valentia não faltam a estes briosos rapazes! E tudo suportam só pelo desejo de desvendar os segredos da Natureza e de os revelar aos que humanamente se sentem incapazes de tais aventuras.

Perante isto só nos resta desejar-lhes o mais completo êxito e esperar que ao regressarem à superfície possam bradar bem alto: MISSÃO CUMPRIDA.

E já que lançamos mão da nossa fiel caneta para, em palavras simples e despretenciosas, realçar mais esta útil digressão pelas entradas da Terra Terceirense, julgamos oportuno salientar que com o alto patrocínio de Sua Excelência o Governador do Distrito, que tão compreendeu a missão que «Os Montanheiros» se impuseram, se está a um passo da

"A UNIÃO", 9 de JUNHO de 1967

Actividades de «Os Montanheiros»

QUANDO A NATUREZA É PAIXÃO SURGEM AVENTURAS

PLANEADAS 70 HORAS NAS PROFUNDEZAS DA TERRA

Esteve ontem no nosso Jornal o sr. Américo Lemos, presidente da Sociedade espeleológica «Os Montanheiros».

Com natural emoção, que traduz quanto de amor à natureza e à escuridão da terra tem «Os Montanheiros», contou-nos o sr. Américo Lemos o plano da próxima aventura:

— Seis noites consecutivas (nunca veremos o sol) na galeria dos Balcões. Já estão explorados 4.000 metros e o nosso desejo é desvendar o resto. Seremos bem sucedidos nesta aventura? Estamos ao menos a preparar-nos do melhor modo.

— Quantos espeleólogos participam na aventura?

— Doze. Seis na primeira frente, que mergulharão na

escuridão, e tentarão desvendar os mistérios de novas salas. Os outros seis, serão a brigada de socorro, com quem contactaremos periodicamente pela rádio e pelo telefone.

— Tudo portanto bem seguro?

— Pensámos em tudo o que era possível, mas pode surgir o impossível. E para tal está a brigada externa. Podemos adormecer por influência de algum gás e por isso para a equipa exterior, um silêncio nosso, é um alarme.

— Estão nervosos?

— Não! O gosto pela exploração do sub-solo, supera qualquer nervosismo. Não somos ternerários; chegaremos apenas aonde a prudência aconselhar, mas faremos tudo o que esteja ao nosso alcance para penetrarmos o mais possível.

— Oxalá realmente seja este, mais um sucesso. Para isso todo o nosso apoio.

— Realmente «A União» tem-nos dedicado muita amizade desde o começo, gentileza que agradecemos.

— Bom sucesso nesse novo empreendimento, são os nossos votos.

concretização de um belo sonho — o da constituição da estrada de acesso ao Algar do Carvão, obra para a qual Sua Excelência diligenciou com feliz êxito no sentido de obter a valiosa comparticipação do Estado.

Porém, para que o sonho se transforme em consoladora realidade é absolutamente indispensável que todos colaboramos, dentro das nossas possibilidades, na obra encetada certos de que «Os Montanheiros» se sacrificam em benefício da Terceira e dos Açores, que não em benefício

próprio.

Pesados encargos vão cair sobre a Sociedade com a execução da já referida estrada, que afinal é para todos nós. Sendo assim não havemos de ajudar a suportá-los?

Haja boa vontade e compreensão e logo virá em que, à semelhança do que sucede com a Furna do Enzofre, na Ilha Graciosa, o Algar do Carvão, com acesso cómodo e fácil, constituirá sem dúvida alguma um magnífico motivo de atracção turística.

Fermen

EXPLORAÇÕES NOS «MISTÉRIOS»

É MISTERIOSA A GALERIA DOS BALCÕES

E, POR ENQUANTO, SÓ PODE DIZER-SE
QUE NÃO TEM FIM

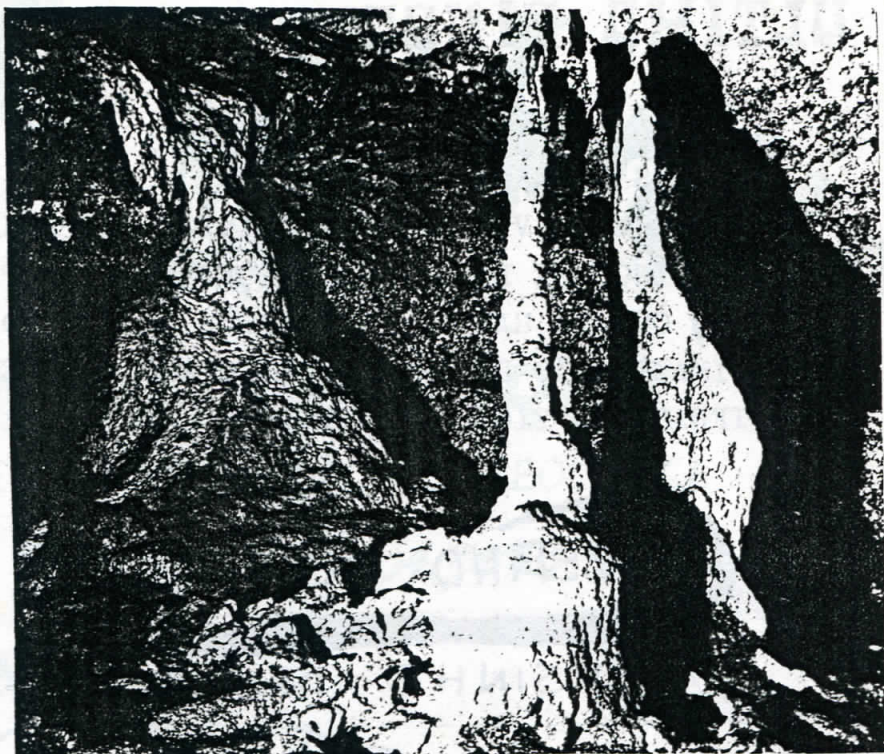
A certas zonas das nossas ilhas marcadas pelas convulsões vulcânicas deram os antigos a designação de «mistérios». As opiniões acerca da palavra *mistério* têm divergido mas parece que a única opinião que se impõe é esta: as galerias, os canais lávicos (como lhe chamam os geólogos) envolvem-se de mistério, são misteriosas.

Assim é, com efeito, como agora mesmo acabam «Os Montanheiros» de concluir, após dois dias e duas noites (sob certos aspectos inconsequentes) de árdua exploração.

Muito viram espeleólogos daquele grupo na sua missão, tendo descoberto, quando menos esperavam, algumas «salas» novas, uma das quais (com 12 metros de comprimento) mostra um tecto profusamente recamado de estalactites e estalagmites de efeito maravilhoso.

Não encontraram fim nestes seus passeios subterrâneos os corajosos exploradores angrenses. Por enquanto — segundo nos veio declarar o chefe do grupo, sr. Américo Silveira Luis — só se pôde dizer que a Galeria dos Balcões não tem fim, isto é não o encontrámos, como não encontrámos nova saída além das duas conhecidas.

Muito fizeram «Os Montanheiros» nestas 50 horas passadas no subeolo do «Pau Velho»: recolheram todos os elementos necessários a um novo levantamento topográfico; mediram temperaturas e humidades; verificaram o comportamento físico dos componentes sob condições adversas do tempo; fotografaram vários aspectos do interior da galeria; recobramos ânimo para o futuro pois muito há a fazer.



"A UNIÃO", 13 JUNHO 1967

“Os Montanheiros”

TURISTAS DO SUBSOLO

- Regressaram com mais um êxito:
- Descobertas 3 novas salas
- Quase 46 horas consecutivas de trabalho

Junto da nossa mesa, o sr. Américo Silveira Luis, presidente de «Os Montanheiros». Tinhamos trocado o abraço de despedida antes da expedição. Agora ele estava de regresso. Ar cansado, mas alegre. Calámo-nos e fomos registando o que nos ia dizendo, com uma vibração que a nossa pena trai.

— Entrámos às nove da noite da sexta-feira. O nosso propósito era avançar, vencer obstáculos, galgar o difícil. Mas logo no início esbarrávamos com uma dificuldade que nos faria desanimar, não fora a nossa genica. Essa dificuldade chamava-se chuva. A chuva que caiu durante toda a sexta-feira e que penetrou na terra. Andámos 200 metros com muita dificuldade, em área conhecida. A carga que levávamos, foi também um obstáculo, além da chuva. A bridade exterior acompanhou-nos na primeira noite. Descansámos muito pouco, porque a grande humidade do ar e as águas que nos rodeavam não o permitiriam. Houve mormente em que não tínhamos enrua uma única peça de vestuário.

— O entusiasmo principal da aventura, o momento culminante?

— Quando entrámos em zona desconhecida. Aqui é que não sei dizer quanto são impressionantes as salas descobertas. Sim, impressionantes, maravilhosas. Três salas de estalactites.

— A sua extensão?

— Uma delas tem 20 x 10 m, a 2.ª, 8 x 7 m e a 3.ª, 12 x 6 m.

— Muito altas?

— Não. Vistas em perspectivas, não distinguimos o tecto, apenas vemos estalactites.

— Qual a sensação que o dominou nesse momento?

— De pavor, de silêncio, de grandeza. Muito de silêncio. Até porque tínhamos de estar calados para que as vibrações não provocassem algum desmoronamento.

— Sua alteza o silêncio, não admite transgressões nos seus domínios!

— Não. Nem um carro que passa, nem uma mosca se sente. É silêncio.

— Comunicaram-se frequentemente?

— Sim. De meia em meia hora. De uma vez apenas por alguma interferência que julgamos provocada por limontes (não confirmamos a afirmação) não nos comunicámos.

— A entrada para essas salas de sonho, foi difícil?

— Muito. Tivemos de rastejar, pois o tecto estava a meio metro do solo. Por pouco fomos perdendo esse espectáculo. Não fosse a nossa teimosia. Eramos seduzidos pelo desconhecido. A malta só se entusiasma pela novidade, pelo mistério.

— Por que não fizeram a noite de 2.ª-feira, como estava previsto?

— Porque não descansámos quase nada. Trabalhámos quase 46 horas consecutivas. Perdemos duas noites, porque a humidade e o frio, não nos deixavam parar.

— A galeria continua?

— Sim. E nós também continuaremos a explorá-la. Queremos penetrar em novos canais.

— Nem admira. Ainda se não refizeram desta.

— Damos por bem empregado este esforço. E o nosso amor, a nossa paixão pelo imprevisto, pelo desconhecido. Algumas pessoas, sobretudo no início, acharam ridícula esta nossa actividade, mas os que nos seguem de mais perto, tem compreendido, que não é vão este nosso esforço. Não fora a chuva em caudais valentes e muitas bolsas de água que encontrámos, totalmente impossíveis de vencer, e teríamos muito mais que contar.



ÚLTIMO PINGO



MAIS UM NATAL PASSOU!

COM ELE, VIERAM AS TRADICIONAIS PRENDAS!

"PINGO DE LAVA" FOI ESPREITAR AO SAPATINHO DO F. PEREIRA, E DO QUE LÁ HAVIA, DESTACAMOS UMA PRENDA ESPECIAL. DEIXAMOS A IMAGINAÇÃO DOS NOSSOS LEITORES A TAREFA DE A DESCOBRIR, DECIFRANDO A FIGURA ABAIXO!

INVERNO DE 92

O URSINHO DAS MANADAS



PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rocha, 6/8

9700 ANGRA DO HEROÍSMO - TERCEIRA/AÇORES

TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

